

Boletim do Portal História da Psicologia

André Elias Morelli Ribeiro
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos
Yuri Pereira Antunes Vieira
Gunther Mafra Guimarães
Arthur Arruda Leal Ferreira
Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Organizadores



Organização:

André Elias Morelli Ribeiro
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos
Yuri Pereira Antunes Vieira
Gunther Mafra Guimarães
Arthur Arruda Leal Ferreira
Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Boletim do Portal História da Psicologia

Editora do Portal História da Psicologia

Rio das Ostras/RJ
2022

Editora do Portal História da Psicologia

Portal História da Psicologia

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. André Elias Morelli Ribeiro

VICE-COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Luiz Eduardo Prado da Fonseca

CONSELHO EDITORIAL

André Elias Morelli Ribeiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

© **2022**

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

Editor Responsável: André Elias Morelli Ribeiro

Revisão final: Gunther Mafra Guimarães

Capa: André Elias Morelli Ribeiro, com ajuda do DALL-E 2 (Open AI)

Projeto gráfico e diagramação: André Elias Morelli Ribeiro

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Boletim do portal história da psicologia [livro eletrônico] / organização André Elias Morelli Ribeiro...[et al.]. -- Rio das Ostras, RJ : Portal História da Psicologia, 2022. -- (Boletim do Portal ; 1)

PDF

Outros organizadores: Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos, Yuri Pereira Antunes Vieira, Gunther Mafra Guimarães, Arthur Arruda Leal Ferreira, Luiz Eduardo Prado da Fonseca.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-997325-1-5

1. Artigos - Coletâneas 2. Psicologia
3. Psicologia - História 4. Psicologia - Pesquisa
5. Publicações científicas I. Ribeiro, André Elias Morelli. II. Santos, Marcus Vinícius do Amaral Gama. III. Vierira, Yuri Pereira Antunes. IV. Guimarães, Gunther Mafra. V. Ferreira, Arthur Arruda Leal. VI. Fonseca, Luiz Eduardo Prado da. VII. Série.

22-140379

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Inajara Pires de Souza - Bibliotecária - CRB PR-001652/0

Sumário

Apresentação.....	VII
--------------------------	------------

VERBETES

Ângela Biaggio.....	27
Escala de Inteligência Binet-Simon.....	39
Henri Wallon.....	63
História da História da Psicologia.....	79
Hugo Münsterberg.....	144
Ignácio Martín-Baró.....	164
Isabel Briggs Myers.....	198
Lourenço Filho.....	222
Maria Helena Souza Patto.....	233
Teoria da Equilibração.....	246
Testes ABC.....	256
Virgínia Bicudo.....	270

ARTIGOS ORIGINAIS

A Viagem de Claparède ao Brasil.....	286
---	------------

TRADUÇÕES

Cinquenta Dias no Brasil.....	333
--------------------------------------	------------

RELATOS

Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia (FHIPSI).....	346
39º Encontro Anual Helena Antipoff.....	367
9ª Jornada Chilena de História da Psicologia.....	373
6º Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão:.....	381
54th Annual Meeting of Cheiron.....	387
Lista de Autores.....	391
Contribuições para o Boletim do Portal História da Psicologia.....	399

A Viagem de Claparède ao Brasil

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa

André Elias Morelli Ribeiro

Resumo

Edouard Claparède foi um célebre psicólogo e educador, um dos expoentes da Escola Nova, movimento desenvolvido na Suíça e influente na educação brasileira. Tendo vários discípulos e ex-alunos residentes em terras brasileiras, Claparède visitou o Brasil por 50 dias no ano de 1930. O presente tem por objetivo retratar os passos de Claparède no país, desde sua chegada no Rio de Janeiro, passando por seus dias em Belo Horizonte, até sua partida em 02 de novembro de 1930. Tomando por fontes notícias e informes publicados em jornais brasileiros, um artigo de Claparède sobre sua viagem e fontes secundárias, este descreve palestras, falas, encontros com grandes figuras da psicologia brasileira, algumas experiências de Claparède no Brasil, bem como explora os motivos e repercussões da expansão de sua estadia no país. Por fim, o artigo analisa alguns dos motivos e das consequências desta jornada de Claparède em nossas terras.

Palavras-chave: História da Psicologia; Claparède, Édouard, 1873-1940; História da Psicologia - Brasil; História da Educação - Brasil

Abstract

Edouard Claparède was an important psychologist and educator, one of the founders of the New School, a movement developed in Switzerland and influential in Brazilian education. Claparède visited Brazil for 50 days in 1930. Claparède's goal was to retrace the steps of Claparède in the country, from his arrival in Rio de Janeiro, passing by his days in Belo Horizonte, until his departure on November 2, 1930. Taking by sources news and reports published in Brazilian newspapers, an article by Claparède about his trip and secondary sources, this paper describes lectures, speeches, meetings with great figures of the Brazilian psychology, some experiences of Claparède in Brazil, as well as explores the reasons and repercussions of the expansion of his stay in the country. Finally, the article analyzes some of the reasons and consequences of this journey of Claparède in our lands.

Key-words: History of Psychology; Claparède, Édouard, 1873-1940; History of Psychology - Brazil; History of Education - Brazil

Introdução

Quem olha em direção ao limbo dos nomes abandonados da Psicologia consegue vislumbrar somente alguns fragmentos, breves fotografias empalidecidas pelo desgaste de imagens poucas vezes visitadas. São figuras quase esquecidas cujas práticas pouco se perpetuaram nas gerações que se seguiram e, com o passar dos anos e o surgimento de novas estrelas, seu brilho se enfraqueceu rapidamente até quase desaparecer dos olhos.

Para estes nomes sobra apenas um tipo de olhar, tenro e manso, carregado da piedade do pensamento moderno frente aos erros da ignorância do passado, que tende a organizar para si narrativas de sua história que reforçam a naturalidade das formas atuais da Psicologia, erro do presenteísmo típico de uma disciplina que ainda não sabe bem o que fazer com seu legado. Os detalhes de tais experiências psicológicas tão pitorescas e circunscritas raramente recebem um restauro, nem mesmo uma visita, ficando como um parente distante deixado caridosamente num asilo, permanecendo por décadas no museu poeirento das psicologias que já foram. São poucos os que não gozam de igual má sorte, ainda que em outras

histórias de outras ciências os aqui esquecidos são lá celebrados.

Em geral os psicólogos preferem a história dos grandes feitos e dos grandes heróis da Psicologia, de modo que se possa glorificar seus rompantes de genialidade frente às adversidades de ambientes hostis ao seu surgimento. Só com uma história cheia de figuras ilustres e geniais, quase isoladas em seu pensamento agudo, usando de suas próprias forças para violar tradições e preconceitos que impediam a psicologia de florescer, é que muitos psicólogos contemporâneos conseguem olhar para o passado de sua disciplina. É pelo apetite de enxergar a força e a relevância de seus heróis e práticas que se justifica descer do olimpo das ciências psicológicas para olhar sua história, reduzindo-a a um panfleto e, em alguns casos, mera justificativa. Em outras palavras, olhar para o passado é orgulhar-se de uma era de glórias e vislumbrar um futuro de grandiosas realizações.

Este artigo lida com uma centelha, uma dessas figuras que brilharam no breve instante de sua finitude mas que são candidatas a permanecerem pela eternidade naquela região para lá da penumbra e da incerteza, aquela mesma para onde vão os que não sobreviveram nos tempos por meio do canto do poeta e, mal-afortunados, caíram

na léthê. Figura ilustre mas esquecida, de imagem empalidecida e depositada em um baú de um museu qualquer. No máximo habita aquela conhecida vitrine onde se encontram os objetos datados, já inventariados e etiquetados para o bem de uma memória, esperando a chegada de um pesquisador curioso que venha conferir-lhe um pouco de carne e um talhe historiográfico.

Edouard Claparède, infelizmente, caiu sorratoeiro nas brumas densas do esquecimento da psicologia, e tanto sua produção intelectual como sua vida poucas vezes são objeto de reflexão e análise nesta área, convertendo-se em não mais do que uma curiosa peça de museu. Contudo, o suíço teve alunos ilustres e colaboradores importantes, como Helena Antipoff e Jean Piaget, além de ter cooperado decisivamente no Laboratório de Psicologia de Genebra e fundado o Instituto Jean-Jacques Rousseau, centros mundialmente reconhecidos e importantes para compreender a psicologia e, principalmente, a educação no Brasil.

A Associação Brasileira de Educação (ABE) convidou, em 1930, aquele que era o grande expoente da psicologia suíça para vir ao Brasil, que aceitou. No país, Claparède proferiu palestras, conheceu escolas, encontrou amigos e ex-alunos, entre outras atividades. Apesar de documentado em

diferentes fontes, esta visita de cinquenta dias pouco foi estudada. O presente trabalho tem por objetivo tecer uma narrativa sobre a estadia de Claparède em solo brasileiro entre os dias 13 de setembro e 02 de novembro de 1930. Ademais, pretendemos examinar a rede de relações implicadas nesta viagem, elucidando seus passos tanto quanto as fontes permitirem.

Materiais e métodos

Para atingir o objetivo deste estudo, foram utilizadas três fontes de pesquisa, sendo duas primárias e uma secundária. A primeira fonte primária é o artigo escrito por Claparède, de título *Cinquante Jours au Brésil* (Claparède, 1931), um belo e interessante relato elaborado pelo próprio punho do psicólogo genebrino sobre sua estadia no país. O trabalho foi publicado na revista *L'Éducateur*, veículo oficial do Sindicato dos Professores Romandos (*Syndicat des Enseignants Romands*), criada também com o objetivo de gerar uma solidariedade entre os professores dos cantões francófonos da Suíça. Na época em que Claparède publicou o artigo em questão, a revista já havia sido integrada à publicação oficial do Instituto Jean-Jacques Rousseau, trazendo tanto trabalhos sobre a teoria e a prática pedagógicas quanto informações

sobre o Sindicato. Como se trata de um artigo inédito no Brasil oferecemos também uma tradução de nossa autoria para a língua português. A segunda fonte primária são os textos midiáticos publicados nos principais jornais nacionais da época. Os artigos relatam a chegada de Claparède ao Brasil e buscam também divulgar e descrever suas atividades que se limitaram aos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para tal foram acessados jornais digitalizados e disponibilizados pela Biblioteca Nacional em sua hemeroteca digital¹.

Como pretendia-se, em um primeiro momento, reunir os artigos publicados na mídia brasileira para que fosse possível desenhar um itinerário de Claparède em um período específico no tempo, foi utilizada a aba “Período” da hemeroteca digital. Nela, não sendo possível selecionar um intervalo de tempo inferior a 10 anos, o recorte cronológico foi “1930-1939”, e tanto a caixa de preenchimento para o local quanto para o periódico a opção selecionada foi “todos”. Tendo sido determinados esses filtros como o primeiro critério para a execução da busca, o segundo critério foram as palavras-chave utilizadas no buscador: “Édouard Claparède” e “Claparède”.

O terceiro critério foi o de relevância, que por sua vez tem dois sub-critérios. O primeiro destes é o da relevância dos jornais, de modo que foram

escolhidos os de maior alcance e circulação. Desta feita, foram utilizados apenas os jornais Jornal do Brasil, Diário de Notícias, O Paiz, A Noite, Correio da Manhã, Gazeta de Notícias e Jornal do Commercio. Outros jornais indicavam apenas uma única ocorrência, limitada a noticiar a presença do psicólogo genebrino, ou nem mesmo faziam qualquer menção, não foram incluídos. Jornais mineiros não disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, mas disponíveis para buscas online, que não resultaram em ocorrência da palavra “Claparède”, então foram excluídos da pesquisa. O segundo subcritério foi o de relação com o objeto de estudo, isto é, a viagem de Claparède ao Brasil em 1930. Alguns resultados da busca não tinham relação com a viagem como, por exemplo, uma peça de propaganda de uma livraria que vendia livros escritos por Claparède. Para cumprir este subcritério foi necessária a leitura de cada uma das ocorrências individualmente. Ao final desse processo foram localizados 32 artigos e notícias sobre sua viagem ao Brasil entre os dias 13 de setembro e 02 de novembro de 1930.

A terceira fonte utilizada são as cartas de Claparède trocadas com correspondentes de diferentes nacionalidades. Estas cartas foram obtidas principalmente por meio indireto, ou seja,

trata-se de fonte secundária. O trabalho de Martine Ruchat (2008) que, além das cartas, contém também informações biográficas importantes e aspectos sobre a viagem, foi a principal fonte secundária consultada. Ademais, três cartas entre Lourenço Filho e Claparède foram recolhidas nos Arquivos da Cidade de Genebra.

Estas três fontes - artigo de Claparède, artigos de jornais e cartas - foram a espinha dorsal para a construção deste texto e procuramos torná-lo tão sólido em acervo documental quanto possível, de modo a atender o objetivo do estudo e sem com isso ter a pretensão de esgotar as minúcias desse percurso e suas possibilidades de análise. Uma pesquisa sobre essa viagem tendo como respaldo outros documentos privados e relatórios de Claparède que se encontram nos arquivos de Genebra poderia lançar luz sobre outras questões e fornecer mais indícios que possam esclarecer alguns dos limites com que inevitavelmente esbarramos.

Do desembarque no Rio de Janeiro à primeira conferência

Foi na primeira quarta-feira do mês de setembro de 1930, no dia 03, que a imprensa carioca anunciou pela primeira vez que um já bastante conhecido educador suíço estaria para

desembarcar em poucos dias na costa do Distrito Federal (Associação Brasileira de Educação, 1930, 03 de setembro, p.2). Claparède já era bastante conhecido no Brasil (Ruchat, 2008) e não é de se espantar que algum jornal tenha dedicado a ele um generoso espaço na primeira página, como foi o caso do Diário de Notícias do dia 14 de setembro daquele ano. Já em outros jornais, não mais do que uma pequena nota de algumas linhas em nome da Associação Brasileira de Educação (ABE) foi escrita para informar que no dia 13 próximo Claparède chegaria ao país. No entanto, isso não significa suspeitar de sua visibilidade no país ou mesmo de sua inspiração para os intelectuais brasileiros. Pelo contrário, além de Martine Ruchat, Campos e Nepomuceno (2013) comentam que “entre os proponentes da perspectiva funcional em psicologia, Claparède foi um dos autores com maior número de obras traduzidas e editadas em português, entre 1920 e 1940” (p. 292). De todo modo, com atraso no navio Conte Rosso, que estava previsto para chegar ao Rio de Janeiro ao meio dia, mas que, devido a uma tempestade no dia anterior, apenas o fez próximo da meia noite (A passagem pelo Rio ..., 1931, 14 de setembro, p.9; Claparède, 1931, p.113), desembarca Claparède no dia 13 de setembro de 1930.

Ainda que não fosse uma estrela de cinema ou uma personalidade política, mas um homem de ciência em uma época em que esta atividade ainda era incipiente no país, Claparède fora recepcionado por membros da ABE e não poucos colegas brasileiros (Chegou ao Rio, hontem ..., 1930, 14 de setembro, p.3). No porto do Rio de Janeiro aguardavam-no Ernani Lopes, presidente da LBHM; Fernando Magalhães, Gustavo Lessa e Venancio Filho, presidentes da ABE; Waclaw Radecki, ex-assistente de Claparède no laboratório de psicologia da Universidade de Genebra e que residia no Brasil desde 1923; Francisco Lins, professor da Escola Normal de Juiz de Fora e divulgador das ideias de Claparède no Brasil, e sua esposa, Maria Eugenia Lins, que havia sido aluna de Claparède no Instituto Jean-Jacques Rousseau; e Laura Lacombe, também uma antiga aluna de Claparède e que dirigia o Colégio Jacobino no Rio de Janeiro (Claparède, 1931, p.114). Amigos de correspondência, ex-alunos, colegas de ofício e entusiastas de suas ideias aguardavam com ansiedade a chegada do suíço. Aqui cabem algumas questões e que motivaram estes autores: Porque Claparède veio ao Brasil e quem exatamente o convidou? Prosseguiremos agora esboçando algumas respostas.

A segunda pergunta nos parece um tanto mais simples de responder, já que a resposta pode ser simplesmente “a ABE”, como exposto anteriormente. Claparède era conhecido pelos defensores da escola ativa e da pedagogia experimental sobretudo pelo tantas vezes reeditado *Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental* e o Instituto Jean-Jacques Rousseau, talvez suas duas maiores obras realizadas. Nesse sentido, era reconhecido por sua contribuição à psicologia da criança e também por um movimento pedagógico que no Brasil vinha ganhando terreno ao longo das décadas que precederam sua viagem. A ABE, ao defender os princípios do escolanovismo, cujo um dos pilares era a escola ativa de Claparède, certamente tinha grande interesse pela presença do suíço no país.

Uma instituição, no entanto, não fala por si mesma, apenas pode intermediar, formalizar algum contato e proporcionar auxílio financeiro. Que personagens, de carne e osso, teriam protagonizado esse convite? Ao que algumas fontes indicam, o desejo pela presença de Claparède manifestado por amigos e ex-colaboradores motivaram a visita. Mais precisamente, Helena Antipoff e Artus Perralette, que já foram suas colaboradoras no Instituto Jean-Jacques Rousseau e que em 1930 eram professoras da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte,

foram personagens importantes nesse contato (O famoso educador ...,1930, 05 de setembro, p.4), especialmente Antipoff que fora mencionada diretamente por Claparède (1931, p.113). Assim, entre cartas de um novo para um velho continente, escritas com penas manuseadas por indivíduos que há muito não se viam, somado a um interesse por parte de professores e médicos brasileiros e sob os auspícios da ABE, foi possível concretizar a viagem de Claparède ao Brasil.

A primeira questão, sobre os motivos do próprio Claparède, já não é tão evidente. É claro que o convite de suas colaboradoras de outrora possibilitou a viagem, mas talvez estes não tenham sido suficientes. Claparède tinha seus compromissos com a Universidade de Genebra, a Liga Internacional pela Escola Nova, a Escola Internacional de Genebra e com o Bureau International d'Education. Era professor, coordenava um laboratório de psicologia e era editor da revista Archives de Psychologie. Teria de haver um motivo mais individual e profissional para realizar uma viagem de navio que consumiria preciosos 11 dias de sua agenda e mais outras tantas semanas já no país de destino até o seu retorno. Uma fonte da imprensa oferece uma primeira pista: Claparède veio conhecer a educação brasileira e ministrar conferências (Associação

Brasileira de Educação, 1930, 03 de setembro, p.2). Efetivamente, esse parece ser um bom motivo, talvez para fins de pesquisa, com certos contornos missionários, e veremos outros indícios mais adiante sobre essa questão. Esse comentário, no entanto, foi sob a perspectiva da imprensa brasileira. O próprio Claparède comenta:

Mon but, en me rendant là-bas, était à la fois de faire la connaissance personnelle d'aimables collègues que je connaissais déjà par correspondance, et qui m'invitaient à faire quelques conférences, de revoir d'anciens élèves, et tout spécialement de rendre visite à Mme Antipoff qui avait organisé à Bello Horizonte un enseignement de psychologie expérimentale et scolaire. (Claparède, 1931, p.113).

A chegada no dia 13 de setembro provavelmente exigiu um descanso e um tempo para se instalar no dia seguinte, dado o fato de que não rastreamos indícios na mídia sobre suas atividades no dia 14. A primeira formalidade veio logo a seguir, isto é, em 15 de setembro já estava Claparède reunido na sede da ABE junto à Fernando Magalhães, Arthur Moses e Venancio Filho

(Claparède na Associação Brasileira de Educação, 1930, 16 de setembro, p.4). O encontro de Claparède com três dos presidentes daquela Associação não foi registrado em detalhes, mas é possível suspeitar que tenha sido um encontro formal, de apresentação da Associação e seus membros e também para se definir uma agenda de conferências a serem ministradas nas semanas porvindouras. Especulações, no entanto, que carecem de evidências documentais. Continuemos o itinerário.

Não demorou muito para que a mídia carioca começasse a anunciar sua primeira conferência, a única aliás que foi descrita na imprensa com maior riqueza de detalhes. Foi no dia 17 de setembro que Claparède retornou à sede da ABE para ministrar uma palestra de título “O sentimento de inferioridade na criança”.

A primeira conferência de Claparède desde sua chegada não passou em branco na imprensa brasileira, tendo sido acompanhada por alguns jornais (O sentimento da inferioridade na criança, 1930, 17 de setembro, p.8; O sentimento da inferioridade na criança, 1930, 17 de setembro, p.4; A psychologia na educação moderna, 1930, 18 de setembro, p.3; Associação Brasileira de Educação, 1930, 19 de setembro, p.9). Olhos e ouvidos atentos para as palavras do educador suíço, sentidos ainda

mais aguçados pela conferência ter sido pronunciada em francês, o que não parecia ser um problema para um professorado ou uma intelectualidade mais geral acostumada à literatura especializada e aos livros didáticos em língua francesa².

Os registros dessa fala são ricos e com direito ainda a uma fotografia publicada no Diário da Noite (A Psychologia na Educação Moderna, 1930, 18 de setembro, p.3). A sede da ABE estava apinhada de gente, faltaram assentos para contemplar todos os ouvintes. Claparède, em pé, era ouvido com entusiasmo por uma plateia de psiquiatras, psicólogos e educadores, estando entre eles representantes do movimento da higiene mental no Brasil (O Sentimento de Inferioridade nas Crianças, 1930, 19 de setembro, p.9).

Detalhes sobre o conteúdo exposto por Claparède não são necessários, apenas uma visão geral e alguns aspectos que aqui nos interessam. O sentimento de inferioridade tem uma gênese muito clara para o suíço: ele nasce de uma má conduta por parte dos educadores, da zombaria dos colegas por alguma dificuldade escolar ou característica física e pela comparação que os pais fazem do desempenho ou habilidade de seu filho em relação à de um primo ou de outro irmão. Existe profilaxia para se evitar os

efeitos duradouros do sentimento de inferioridade na vida adulta? A resposta que Claparède dá à sua plateia vai na contramão, segundo ele, do que tem sido feito nos países europeus e possui estreita relação com as propostas de mudança na educação por ele defendidas. A resposta é o trabalho (O Sentimento da Inferioridade na Criança, 1930, 17 de setembro, p.4; A Psychologia na Educação Moderna, 1930, 18 de setembro, p.3; O Sentimento de Inferioridade nas Crianças, 1930, 19 de setembro, p.9).

Nas escolas europeias Claparède percebe que há um horror físico e uma repugnância intelectual ao trabalho. Contudo, ele defendeu diante de seus ouvintes que o valor do trabalho na criança possibilita o desenvolvimento de suas próprias aptidões e sua personalidade. Ele evita o sentimento de inferioridade uma vez que desperta na criança uma consciência de seu próprio valor e suas vocações adormecidas. O trabalho na visão de Claparède é uma forma de desdobramento de seu eu interior e desenvolve na criança um orgulho pelo dever cumprido, conduzindo-a à satisfação de ser útil e indispensável. É, portanto, um meio profilático do sentimento de inferioridade (O Sentimento de Inferioridade na Criança, 1930, 17 de setembro, p.4).

Na verdade, o trabalho é o ponto nevrálgico da questão, mas Claparède desenvolve um pouco mais suas propostas. O ideal seria que não apenas o valor do trabalho fosse fomentado, mas este trabalho fosse socializado também: a criança é parte de um social e sua produção é uma contribuição a esse social, assim como as das outras crianças. Ela não seria, portanto, nem mais ou nem menos do que seus colegas. Como realizar isto? Caberia ao educador respeitar a individualidade das crianças e incentivar a sua espontaneidade e iniciativa. Para isto, diz Claparède, é preciso amar a criança e, para amá-la, é necessário conhecer sua psicologia (O Sentimento de Inferioridade nas Crianças, 1930, 19 de setembro, p.9). Ao finalizar sua fala, a audiência de Claparède o aplaudiu demoradamente pela conferência. As próximas seriam realizadas no salão da nova sede da ABE, onde haveria mais espaço e as pessoas não mais precisariam ouvi-lo em pé como ocorreu nesta primeira.

Uma visita e uma sessão presidida

O dia 18 de setembro é uma pausa em nosso itinerário, já que não obtivemos registros. Seguimos seus últimos passos no Rio de Janeiro até que Claparède resolvesse partir para a terra do então jovem Carlos Drummond de Andrade. No dia 19 de

setembro a imprensa informou sobre uma visita de Claparède à Escola de Artes e Ofícios Wenceslau Braz (atual CEFET/RJ, no bairro do Maracanã), uma escola que oferecia curso técnico e profissional para os homens e curso de trabalhos manuais para as mulheres. Nela, ministrou uma aula sobre o que a imprensa denominou “evoluções das aptidões ou sobre theses profissionais e psicológicas” (O Doutor Eduardo Claparède ..., 1930, 20 de setembro, p.2).

Talvez mais importante do que essa aula, provavelmente voltada para os professores da instituição, foi o fato de Claparède ter solicitado documentos da escola, como fotografias de suas dependências e de exposições nela realizadas, além de relatórios e monografias, que foram todos fornecidos pela direção. Que interesse havia de coletar esses documentos da instituição? É possível que isso estivesse alinhado aos seus objetivos de visita ao país, isto é, o de conhecer o movimento da educação no Brasil e levar consigo material de suas visitas a instituições brasileiras.

Ruchat (2008), em seu estudo da correspondência entre Claparède e Antipoff, indica que a psicóloga e educadora russa mais de uma vez usou da fama do suíço no Brasil em suas cartas como método de incentivá-lo a realizar a visita.

Antipoff chega a dizer que “o nome de Claparède é canonizado aqui, se ousar me exprimir assim” (Antipoff, 1930 como citado em Ruchat, 2008, p.193). Ademais, figuras importantes da educação brasileira tinham sido seus alunos, como Laura Lacombe, o que deve ter impressionado Claparède no sentido de que ver a educação no país era ver como suas próprias ideias e ensinamentos floresciam em terras muito diferentes das quais tinham sido concebidas. Ideias que prosperaram muito, tendo em vista a influência dos ensinamentos de Genebra na lei 5.692, que reformou a educação brasileira em 1971.

Retornando no caminho penumbra adentro do cotidiano do suíço nessa viagem ao Brasil, continuemos iluminando outros detalhes dessa passagem para que talvez possamos visualizá-la mais nitidamente até o final. Curioso é o fato de a imprensa ter divulgado apenas uma visita a instituições de educação, pois Claparède menciona que “On m'a fait visiter de nombreuses écoles” (Claparède, 1931, p. 115). Ele cita, além da Escola Wenceslau Braz, o já mencionado Colégio Jacobina dirigido por Laura Lacombe, e uma escola normal que estava para ser inaugurada em outubro, sem citar o nome da instituição, mas informando que a revolução o impediu de estar presente no evento de

inauguração. Infelizmente foram passos não acompanhados pela imprensa.

Após a visita à escola Wenceslau Braz, já no dia 20 de setembro, Claparède esteve na sede da Liga Brasileira de Hygiene Mental presidindo uma conferência que foi ministrada por sua ex-colaboradora em Genebra, Helena Antipoff. A conferência, de título Algumas considerações sobre tests de inteligência, foi elogiada como “brilhante” pela mídia e, ao que parece, a participação de Claparède limitou-se a proferir algumas palavras elogiosas à conferencista e a encerrar o encontro (Algumas considerações sobre ..., 1930, 21 de setembro, p.4).

Entre os dias 20 e 23 de setembro Claparède se despede temporariamente do Rio de Janeiro em seus derradeiros dias de Belle Époque e se desloca para Minas Gerais, onde pôde prosseguir com suas conferências e visitas. Desde sua chegada ao Brasil hospedou-se por uma semana no Rio de Janeiro até embarcar de trem para uma viagem de dezessete horas até a capital mineira (Claparède, 1931, p.115). No entanto, a conjuntura de outubro de 1930 não foi das mais favoráveis para que pudesse continuar com qualquer agenda de compromissos a ser cumprida a partir daquele momento de sua viagem ao Brasil.

Talvez para os historiadores de hoje Claparède estivesse no lugar certo e na hora certa, pois acertou no tempo e no espaço e pôde vivenciar uma revolução no país que todo brasileiro toma conhecimento por meio dos livros didáticos de História durante sua formação escolar. Certamente esse acerto é algo que ele discordaria, como fica claro em seu relato posterior já em Genebra. De toda forma, Claparède se mostra um entusiasmado visitante daquela cidade que era-lhe até então absolutamente desconhecida.

Se em sua descrição do Rio de Janeiro mostrasse-se surpreendido pelas belezas naturais, a curiosidade dos hábitos locais e as construções escolares que a ele parecem até mais elegantes e interessantes que as suíças (ele compara as de seu país a casernas da educação), em Belo Horizonte Claparède parece se animar bem mais com os aspectos humanos da visita. Percebe na capital mineira uma certa semelhança à La-Chaud-des-Fonds, uma pequena cidade suíça próxima à Neuchâtel e que é conhecida por seus relógios e seu entorno montanhoso.

Na noite de 23 de setembro Claparède ministrou uma conferência de mesmo título daquela que realizou no Rio de Janeiro, isto é, sobre o sentimento de inferioridade na criança (Notícias de

Belo Horizonte, 1930, 24 de setembro, p.5). Não encontramos fontes que pudessem nos informar sobre o público presente, algum relato sobre o conteúdo ou se alguma instituição a promoveu, mas apenas informações mais básicas: data, hora, local e tema. Sabemos também que Claparède foi ouvido por numerosa plateia e foi apresentado por Mário Casasanta, à época inspetor geral de instrução pública de Minas Gerais (O professor Claparede ..., 1930, 25 de setembro, p.3). Pressupomos que efetivamente foi a mesma palestra, mas desta vez para o público mineiro. E não mais em uma instituição de educação ou médica, mas no Teatro Municipal de Belo Horizonte.

A permanência em Minas Gerais estender-se-ia até o dia 7 ou 8 de outubro, de modo que já havia duas conferências anunciadas para ocorrerem no Rio de Janeiro assim que retornasse. Seriam as últimas de Claparède no Brasil, pois seu regresso à Europa estava planejado para o dia 14 de outubro. A primeira seria sobre “Psicologia funcional” e a última sobre “Psiquismo e morfologia” (Na Associação Brasileira de Educação, 1930, 03 de outubro, p.5; Associações, 1930, 03 de outubro, p.5). Devido aos acontecimentos de outubro nada disso ocorreu: Claparède só conseguiu voltar ao Rio de Janeiro no final de outubro, os temas dessas últimas

conferências foram outros e ele só pôde regressar à Europa no alvorecer de novembro daquele ano. Se inicialmente pretendia permanecer no Brasil não mais do que 4 semanas (Claparède, 1931, p.113), a Revolução de 1930 quase dobrou sua estadia.

A experiência de ser um estrangeiro e estar no Brasil naquele momento deixou uma marca bastante viva em Claparède, marca esta que o leitor identifica com facilidade no texto *Cinquante Jours au Brésil*. A Revolução tem início no entardecer de 03 de outubro. Era algo em torno de 6 horas quando Claparède acabava de retornar de uma visita a um instituto que chamou de Institut des Serpents, quando a avenida onde se encontrava foi tomada por soldados:

Puis j'allai à la grande poste écrire quelques cartes postales. Tout à coup, je me vois plongé dans l'obscurité, les portes venaient de se fermer, tout était désert autour de moi. Je me précipite vers la porte, on l'entr'ouvre pour me laisser passer, et quelle n'est pas ma stupéfaction en voyant le trottoir où j'avais passé quelques minutes auparavant, gardé par des soldats, échelonnés le long de la rue. J'ai cru d'abord qu'il s'agissait d'une fête nationale, d'un cortège... Mais un jeune

homme, voyant mon étonnement, vint vers moi et me dit que c'était la révolution. (Claparède, 1931, p.116-117).

A tensão experienciada por Claparède não foi sem embaraços para seus anfitriões brasileiros. Lourenço Filho, em uma carta enviada em 1932 e que o convida a ministrar aulas no Brasil, pede desculpas pelos inconvenientes causados pela revolução, e afirma que em caso de aceite Claparède não passaria igual transtorno aqui, tendo em vista que os brasileiros só faziam revolução a cada quarenta anos (Lourenço Filho, 1932, p.1).

Se por um lado ele não poderia sair da cidade, por outro surgia também uma oportunidade de estabelecer um maior diálogo com seus colegas em Minas. Havia bastante proximidade entre Antipoff e Claparède, tendo ela sido assistente no laboratório no Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR). Ela vivia em Genebra até o ano anterior à sua chegada no Brasil, e ambos não pararam de trocar cartas desde então (Ruchat, 2008). Tendo em vista nossa dificuldade no acesso de notícias publicadas nos jornais de Minas Gerais sobre a visita de Claparède, é do fio epistolar que seguimos na jornada pelos dias mineiros do genebrino.

Claparède observou algo que provavelmente lhe despertou a admiração típica de um mentor que

vê florescer as obras de seus alunos, já que a Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, dirigida por Antipoff, tinha nas ideias de Claparède uma forte inspiração. A instituição de Antipoff servia para ensinar os princípios da Escola Nova de modo que seus alunos, uma vez dirigentes ou docentes das escolas mineiras, pudessem aplicá-los na realidade escolar. Tratava-se de algo semelhante ao que a própria Antipoff vivera, já que aprendeu com o mestre e se tornava ela própria mestra de gerações de educadores. Com mais tempo do que o previsto, e já entrando na seara da especulação, Claparède deve ter aproveitado para conhecer mais profundamente a Escola de sua pupila, da mesma forma que fez com escolas no Rio de Janeiro. O sentimento deve ter sido de realização e alegria, pois as convicções de Claparède nas suas propostas pedagógicas eram profundas.

Seguindo a linhagem inaugurada pelo IJJR, que sustentou sua pedagogia com os métodos experimentais e a mensuração, Antipoff também coordenou um laboratório de psicologia. A testagem psicológica era um assunto caro aos colegas em ambos os lados do oceano, único assunto que gerou texto assinado por ambos. À época, a medida da inteligência estava em pauta nos estudos do laboratório da Escola e, antes da chegada de

Claparède, Antipoff enviara resultados de estudos no tema (Ruchat, 2008). A extensão da estadia de Claparède provavelmente serviu de ocasião para debate dos dados e o assunto teria sido retornado na viagem que Antipoff faria em 1932, dois anos depois, mas que não se concretizou.

Outro projeto em curso era o que Antipoff denominava “ideais da juventude” (Ruchat, 2008). Entregues ao mestre em fevereiro do mesmo ano, ambos devem ter discutido a questão na oportunidade que surgia. Ainda que tivesse outros projetos para falar, a verdade é que Claparède não estava vivendo seu melhor momento. Iniciava naquele ano sua década menos produtiva e as cartas posteriores à viagem mostram a recusa sistemática de Claparède em participar de projetos e fazer maiores colaborações (Ruchat, 2008). É também a década em que Piaget passa a ganhar projeção cada vez maior. Soma-se à fase pouco criativa os infelizes acontecimentos com seu filho Jean-Luis, em 1937.

A despeito de seu provável diálogo profícuo, a questão é que Claparède estava isolado em Belo Horizonte, temendo perder o Conte Rosso que logo partiria à Europa. Mas seria necessário se deslocar até o Rio de Janeiro, experiência hoje descomplicada e até trivial, mas que à época tinha seus inconvenientes e desafios, potencializados por uma

revolução em curso. Seus anfitriões na cidade obtiveram para o mestre um Salvo-conduto, assinado por Álvaro Batista de Oliveira, então chefe do Serviço de Investigações e encarregado do Serviço de Salvo-condutos. Aparentemente, o documento garantiu o regresso à capital federal (Claparède, 1931, p.118)

Finalizada a tensão política que se desdobrou ao longo do mês de outubro de 1930 e já com alguma estabilidade que permitisse à Claparède sair dos aposentos de Helena Antipoff e respirar ares mais tranquilos nas ruas de Minas Gerais, retorna ao Rio de Janeiro para finalmente cumprir o restante de seus afazeres no Brasil.

Dos últimos dias no Rio de Janeiro ao embarque no Conte Rosso

Foi na última terça-feira de outubro, no dia 28, que Claparède finalmente consegue retornar ao Rio de Janeiro. Nada se registrou dessa data até o dia 31 daquele mês. Aliás, desde o final de setembro que a imprensa do Rio de Janeiro deixou de acompanhar as conferências ministradas por Claparède e suas visitas. Em parte isso se explica pelo seu deslocamento à Belo Horizonte. O problema é que quando ele retornou praticamente nada se publicou sobre suas atividades. Na verdade, o único

jornal que nos fornece vestígios de seus últimos passos no Brasil antes de partir para a Europa foi o Diário de Notícias. Sigamos com ele, tanto quanto nos é possível.

Na sexta-feira daquela mesma semana, quando aquele dramático mês de outubro findava, Claparède ministrou a conferência A Psychologia da escola activa (Associação Brasileira de Educação, 1930, 01 de novembro, p.12). Como havia sido prometido, a fala de Claparède ocorreu na nova sede da ABE, na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro, e não mais no salão da antiga sede da Rua Chile, onde muitos dos ouvintes não encontraram assentos para prestigiar com mais conforto aquela conferência tão bem acompanhada pela imprensa. Desta vez, nem o Diário e tampouco qualquer outro meio de comunicação detalhou o conteúdo ministrado. Articulistas não se posicionaram ou compartilharam suas críticas. Talvez a conjuntura política daquele momento tivesse deslocado o centro de gravidade dos esforços dos jornalistas, ou quem sabe a própria imprensa não pôde oferecer a devida cobertura pela pouca divulgação dessa conferência de sexta-feira. Independente do motivo, pouco sabemos a seu respeito, mas o mesmo não ocorreu na última conferência de Claparède quando este tratou sobre Institutos de Educação.

Em 01 de novembro Claparède finaliza formalmente sua passagem pelo Brasil e não foi sem encanto e admiração dos presentes que ele foi ouvido. Com certa impaciência de alguns, na verdade, já que o autor do artigo “O Professor Claparède na A.B.E.”, de 04 de novembro, define aquele momento como um “torneio oratório”: a curta conferência de Claparède foi precedida por um sem número de discursos. Em linhas bastante críticas e com tons de deboche, lamenta que a fala de Claparède não tenha encontrado a fluidez e a coesão necessárias, mas sim foi prejudicada por alguns dos presentes que fizeram daquele momento uma oportunidade, como diríamos, de palanque (O professor Claparede ..., 1930, 04 de setembro, p.7).

Havia um motivo, certamente, e era o fato de que naquele dia Claparède foi homenageado como sócio honorário da LBHM. O presidente da Liga, Ernani Lopes, proferiu algumas palavras controversas em seu discurso que teve um caráter político. Comentou-se que a plateia se entreolhou, um tanto desconfiada, sobre o significado de suas considerações críticas sobre os recentes movimentos do mês de outubro ao compará-los a uma patologia do organismo social e ao mesmo tempo ter afirmado respeito à autoridade constituída.

Imprecisões à parte provindas de uma percepção particular de quem relatou, pareceria irreal que uma autoridade médica e representante de um importante movimento brasileiro daquela época fosse deixar de se posicionar sobre o quadro político que acabara de se suceder. Em princípio, Claparède deixara para o seu íntimo a revolução que presenciou com seus próprios olhos e ateve-se ao tema de sua conferência.

Foram compartilhadas aos seus ouvintes as impressões que teve durante sua passagem pelo Brasil, parecendo ser sua fala, em parte, um balanço de suas observações do que presenciou sobre a educação no país. Elogiou os esforços do professorado brasileiro e em especial mencionou a Escola de Aperfeiçoamento em Belo Horizonte e o trabalho lá realizado por Helena Antipoff.

Os elogios à Antipoff cederam espaço ao Bureau International d'Éducation sobre o qual Claparède passou a tratar logo em seguida. O Bureau, com sede em Genebra, foi criado em 1925 e tem em Claparède um de seus pais fundadores, junto a Pierre Bovet e Adolphe Ferrière. Trata-se de uma instituição que se interessa pelas questões pedagógicas ao redor do globo e Claparède discursava, naquele momento, na condição de um agente ou um representante. Esse interesse pelos

problemas da educação no mundo foi guiado, ao menos em seus primeiros anos, por dois princípios: o ideal de pacifismo e a fraternidade universal.

O próprio Claparède, nessa conferência, comenta que o aperfeiçoamento da educação poderia extinguir “as incompreensões e as guerras”. Devido ao seu raio de ação não estar circunscrito às fronteiras de Genebra, posto ser uma instituição internacional, Claparède comenta que o Bureau conta com indivíduos e diversos países como sócios contribuintes. Efetivamente, apenas no ano anterior àquela visita de Claparède o Bureau se abriu para sociedade estrangeira, tendo sido em 1929 a primeira organização intergovernamental do mundo no campo da educação. A contribuição dos sócios, relata o Diário, poderia ser em quantia (10.000 francos suíços anuais) ou oferecendo um delegado que fornecesse os seus serviços ao Bureau. Sabemos, por meio do Correio Paulistano, que Lourenço Filho já havia sido escolhido em 1927 para ser um delegado da instituição (Notas, 1927, 28 de julho, p.3).

Por fim, no dia 02 de novembro de 1930, o Diário anuncia que Claparède partiria naquele mesmo dia no navio Comte Rosso para a Europa, finalizando uma viagem de 50 dias ao Brasil (Viajantes, 1931, 02 de novembro, p.13). A tensão

política de 1930 em Minas Gerais transformou essa passagem de Claparède - inicialmente alguma coisa, por um lado, entre o trabalho como educador e psicologista e, por outro, a ocasião de rever ex-alunos de grande estima - em uma experiência marcada pelo imprevisível e por acidentes, pois se ele havia planejado suas atividades e organizado sua agenda de alguma forma, seus quase 2 meses no Brasil tornaram essa viagem, sem dúvida, em uma vivência um tanto fortuita.

Considerações finais

É difícil analisar a presença de Claparède no Brasil sem considerar o movimento escola novista da década de 1920 e o contexto educacional daquele momento. É provável que muitos acenariam positivamente com essa relação. O problema é que ao lermos e analisarmos a documentação disponibilizada deparamo-nos com um conjunto de personagens e de circunstâncias complexas e um tanto difíceis de precisar. Por exemplo, Claparède escreveu que alguns de seus ex-alunos, sobretudo Antipoff, haviam feito este convite. Que o movimento escola novista vinha ganhando força, disso não temos dúvidas. Apesar disso, nos parece claro também que houve uma influência muito importante das relações que ele cultivou com seus ex-alunos

brasileiros, o que configuraria, portanto, um motivador pessoal na viagem.

O fato de Claparède ter visitado algumas instituições brasileiras e recolhido documentos é um indício que não deve ser ignorado. Conhecer o movimento educacional no país parece que efetivamente era de seu interesse. Fora o observar os resultados do trabalho de seus alunos – que também é o resultado de seu próprio trabalho - é possível que esse interesse fosse parte de um outro maior em conhecer a educação em diferentes regiões ao redor do globo. Em um de seus mais conhecidos livros, o *Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental*, Claparède escreve algumas linhas sobre a educação e o movimento pedológico em diferentes países. Ao analisar o Brasil, diz:

No Brasil, a pedologia é pouco representada. Em São Paulo, Quaglio, autor de um *Compêndio de Pedologia* (1911), trabalha por seu desenvolvimento, tendo criado na Capital uma Faculdade de Pedologia. O Sr. Medeiros e Albuquerque criou no *Pedagogium* do Rio de Janeiro, em 1897, um laboratório de psicologia experimental, e depois uma cátedra de antropologia pedagógica. Foi vivamente

combatido; censuraram-no por essas 'inovações fantasistas' e de suas criações nada subsistiu. (Claparède, 1940, p.76, grifo do autor).

Como essas instituições mencionadas já não mais existiam no ano de 1930, conforme o próprio Claparède atesta, certamente ele obteve essa informação de relatos ou documentos recebidos. Pouco importa aqui a fonte dessa informação. O fato é que Claparède interessou-se em conhecer e mapear diferentes institutos e movimentos educacionais mundo afora. Em seu texto *Un Institut des Sciences de l'Éducation et les Besoins Auxquels il Répond*, publicado no Brasil com adaptações sob o título *O Porquê das Ciências da Educação*⁶, dentre as funções e papéis de um instituto de ciências da educação deveria ele ser um centro de informações e de pesquisas. Como tal, nele deveriam ser instalados uma biblioteca e um museu escolar, contendo em um de seus departamentos uma:

[...] coleção de velhos livros de estudo de todos os tempos e todos os países: antigos livros de leitura infantis, álbuns de imagens, velhas gramáticas, velhos vocabulários, velhos manuais de história, de geografia etc., bem como velhos

cadernos de escola. (Claparède, 1961, p.236).

Estamos tomando um perigoso atalho analógico, como alerta Ratcliff (2018)? Talvez, mas vale lembrar que durante a visita à Escola de Artes e Ofícios Wenceslau Braz, Claparède recolheu fotografias, relatórios e outros documentos da instituição. É um bom exemplo do vivo interesse de Claparède em concretizar uma das funções de um instituto como o Jean-Jacques Rousseau.

Além disso, quando tratamos de educação naquele momento não podemos esquecer que ela está articulada a uma rede de práticas que se cruzaram: os movimentos pedológico, higienista e a própria higiene mental mais especificamente. Não nos esqueçamos da euforia em torno dos testes mentais como um método eficiente e solucionador de problemas ao discriminar e selecionar indivíduos. Separar essas práticas e movimentos é um exercício forçoso da historiografia, muito embora ele seja necessário para algumas análises mais pontuais. Nesse sentido, se por um lado representantes da Associação Brasileira de Educação foram pessoalmente recepcionar Claparède no porto do Rio de Janeiro, com a presença de alguns de seus ex-alunos, por outro a Liga Brasileira de Higiene Mental dialogou com ele oferecendo espaço para

suas conferências e prestigiando-as. A condecoração de Claparède como sócio honorário não nos parece mera formalidade ou, menos ainda, apenas demonstração de respeito, mas uma ponte importante para a manutenção de um diálogo que poderia ser apenas circunstancial. Por outro lado, pode ser um mimo para um personagem que passou duras penas em trechos importantes no decorrer de sua jornada.

Por vezes um nome da psicologia repousando no injusto baú de memórias não justifica seu ocaso. Ao contrário, Claparède falou no início do século XX algo que agora nos parece por demais óbvio a ponto de não pedir autoria: a educação deve se pautar na criança e no conhecimento científico sobre ela. Seu esquecimento é, em verdade, resultado de seu sucesso, pois ideias amplamente aceitas podem ver sua autoria desaparecer no burburinho das concordâncias.

O trabalho de pesquisa histórica pode sofrer graves prejuízos por conta desta falta. Enquanto algumas figuras da psicologia possuem extenso material que permite um alto grau de detalhamento de sua vida e suas ideias, como são os casos de Freud e Piaget, a viagem de Claparède ao Brasil não guardou muitos registros além de seu próprio relato, algumas cartas e textos midiáticos. Uma limitação

dessa pesquisa foi a de retrair seu percurso por Minas Gerais, pois neste caso a quantidade de documentos com os quais trabalhamos foi ainda menor. Apesar disso, Antonini (2001) comenta que, em Belo Horizonte, Claparède “pronunciou palestras na Escola de Aperfeiçoamento de Professores e ministrou um curso sobre Psicologia da criança e pedagogia experimental” (p. 135), mas estas atividades foram prejudicadas com o início da Revolução de 1930 que estourou naquele momento, obrigando Claparède a “confinar-se na pensão onde morava Antipoff” (p. 135).

Por outro lado, certos sentidos não precisam ser descritos detalhadamente em documentos, e um dos mais relevantes é compreender a presença de Claparède no país. Ficou claro que o mestre de Genebra tinha muitos amigos importantes aqui, e que as redes que construiu conseguiram atravessar os Alpes para chegar nos trópicos, indo até o interior de nosso país. Mais do que isso, alunos de Claparède, como Radecki e Antipoff, tiveram um papel interessante na psicologia e na educação brasileiras, além de outros que souberam prestar tributo ao mestre quando de sua vinda.

Ao mesmo tempo, Claparède veio ao Brasil conhecer e reconhecer os frutos dos trabalhos de seus alunos e, de certa forma, os próprios frutos.

Muito embora a mídia, como de praxe, reconheça um especialista europeu como autoridade incontestada de além-mar, Claparède procurou fomentar o diálogo com seus colegas, nos quais reconhecia também a amizade. Ao visitar escolas, se interessar pela educação do país, buscar entender os nativos que conhecia por cartas ou por ouvir falar, ele não teve a atitude do colonizador, mas do proponente do diálogo, de quem também está disposto a aprender com a própria escola que fundara, nas práticas adotadas aqui. Suas palestras não estavam coalhadas de prescrições, mas de reflexões que precisariam ser traduzidas conforme os interesses e possibilidades locais. A postura de Claparède estava de acordo com suas ideias, ou seja, não poderia ser de outra forma para o defensor da escola ativa e crítico das ideias tradicionais que outrora fizeram emergir o modelo de escola rígida e centrada na figura do professor. A iniciativa de seus ex-alunos e agora colegas encheria os olhos de quem acreditava na necessidade de promover a autonomia e independência dos alunos. A sensação deve ter sido a de missão cumprida.

As boas relações cultivadas entre Claparède, ex-alunos e colegas de ofício não se expressaram apenas em sentimentos que pareciam recíprocos. Na ocasião da criação da Faculdade de Ciências da

Educação em São Paulo, Lourenço Filho foi autorizado pelo Ministro da Educação a convidar Claparède a permanecer por um ou dois anos no Brasil, ocupando a cadeira de Psicologia Educacional, conforme uma carta de 23 de janeiro de 1932 colhida em Genebra, escrita poucos meses antes da divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Claparède, em sua resposta, aproveita para elogiar o Brasil e relembrar com carinho de sua viagem à América do Sul, solicitando uma redução do período ou mudanças nas datas para que ele ou Piaget pudessem aceitar o convite, inclusive de um modo que pudessem trazer suas famílias. Sugere também que Leon Walther ocupasse a cadeira em algum momento, ou uma outra cadeira caso fosse criada. Walther, de fato, também teve sua passagem pelo Brasil e mais de uma vez: Lourenço Filho (2004) destaca sua contribuição para a psicologia aplicada ao trabalho industrial por meio da realização de um curso, em São Paulo, e também a “organização dos Serviços de Orientação e Seleção do Senac, em 1949” (p. 94). Quanto à Claparède, Lourenço Filho comenta também que os efeitos de suas lições proferidas em 1930 foram positivos porque “ligadas ao movimento da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte”, deixando uma boa impressão por onde passou (p. 94). Do

contrário, não teria retornado ao Brasil em 1932, conforme nos lembra Campos e Nepomuceno (2013), viagem que inclusive poderia ser objeto de descrição e análise para um futuro estudo.

No funcionalismo de Claparède, a educação deve se coadunar com sua visão de humanidade, uma antropologia biologista que, essencialmente, funciona. A educação é um recurso que permite o desenvolvimento harmônico deste funcionamento e a escola aos moldes tradicionais só poderia atravancar esta potencialidade. Qual seria a alegria de Claparède ao constatar que suas ideias chegaram a frutificar em tão distante território, ainda que posteriormente outros movimentos críticos de envergadura tenham se desdobrado e florescido no Brasil? A educação brasileira possui historicamente um sem número de problemas, alguns dos quais Claparède pôde vislumbrar nesta visita de 1930.

Referências

A passagem pelo Rio do “Conte Verde. (1930, setembro 14). **Jornal do Brasil**, 9.

A psychologia na educação moderna. (1930, setembro 18). **Diário da Noite**, 3.

Algumas considerações sobre os tests de intelligencia. (1930, setembro 21). **Diário de Notícias**, 4.

Antonini, I. G. Claparède, Édouard (1873-1940). (2001) In: Campos, R.H.F. **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros**. (pp. 134-136). Rio de Janeiro: Imago Ed.; Brasília: CFP.

Associação Brasileira de Educação. (1930, setembro 3). **Correio da Manhã**, 2.

Associação Brasileira de Educação: conferencias. (1930, novembro 1). **Diario de Noticias**, 12.

Associações: Associação Brasileira de Educação. (1930, outubro 3). **Diario da Noite**, 5.

Camargos, M. (2003). Uma república nos moldes franceses. **Revista USP**, (59), 134-143.

Carvalho, J. M. (2014). **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

Chegou ao Rio, hontem. (1930, setembro 14). **Correio da Manhã**, 3.

Claparède, E. (1931). Cinquante jours au Brésil. **L'Éducateur**, 67(8), 113-118. (ver tradução neste volume).

Claparède, E. (1940). **Psicologia da criança e pedagogia experimental**: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Claparède, E. O porquê das ciências da educação. (1961). Em: E. Claparède. **A escola sob medida**. (201-245). Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A.

Claparède na Associação Brasileira de Educação. (1930, setembro 16). **Diário de Notícias**, 4.

Hoje. (1930, setembro 17). **Diário de Notícias**, 2.

Kulesza, W. A. (2006). O currículo da Escola Normal: feito e tendências. **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, Uberlândia, MG.

Kulesza, W. A. (2014). História da pedagogia no Brasil: a contribuição das pesquisas centradas em

manuais de ensino. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, 95 (240), 328-345.

Lourenço Filho, M.B. (2004) A psicologia no Brasil. In: Antunes, M.A.M. **História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. (pp.71-108). Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia.

Na Associação Brasileira de Educação. (1930, outubro 3). **Correio da Manhã**, 5.

Notas. (1927, julho 28). **Correio Paulistano**, 3.

Noticias de Bello Horizonte (1930, setembro 24). **Diário da Noite**, 5.

O doutor Eduardo Claparede visitou (1930, setembro 20). **Gazeta de Notícias**, 2.

O famoso educador Claparede (1930, setembro 5). **O Paiz**, 4.

O professor Claparede, em Minas. (1930, setembro 25). **A Noite**, 3.

O sentimento da inferioridade na criança. (1930, setembro 17). **Correio da Manhã**, 8.

O sentimento da inferioridade (1930, setembro 17). **Diário de Notícias**, 4.

O sentimento de inferioridade nas crianças. (1930, setembro 19). **Jornal do Brasil**, 9.

Ratcliff, M. J. (2018). Atalho analógico e reconstrução micro-histórica: as origens do laboratório de psicologia experimental de Genebra em 1892. **Mnemosine**, 14 (1), 246-273.

Campos, R.H.F.; Nepomuceno, D.M. (2013). O funcionalismo europeu: Claparède e Piaget em Genebra, e as repercussões de suas ideias no Brasil. In: Jacó-Vilela, A.M; Ferreira, A.L.L.; Portugal, F.T. **História da psicologia: rumos e percursos**. (pp.107-118). Rio de Janeiro: Nau.

Ruchat, M. (2008). A Escola de Psicologia de Genebra em Belo Horizonte: um estudo por meio da correspondência entre Edouard Claparède e Hélène Antipoff (1915-1940). **Revista Brasileira de História da Educação**, (17), 181-205.

Viajantes. (1930, novembro 2). **Diário de Notícias**, 13.

Lista de Autores

Adrian Brock

Docente na Universidade de Cape Town, África do Sul

Alice Vasconcelos Dantas da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Allana Souza da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Júlia do Amaral

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Valentina Nascimento

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anne Midão Nogueira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Arthur Arruda Leal Ferreira

Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Beatriz Campos Frazão

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Beatriz Paulino de Oliveira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Carolina Pascoal Costa Rodrigues

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Clara Lyra Santos

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense do Espírito Santo

Cecí Pereira Pinto Junqueira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Daniel Alves de Oliveira Junior

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Daniela Carolina Silva Barbosa

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Elisa Teófilo Rolim

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Fernanda Beatriz Santo

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Fernanda de Oliveira Cunha

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Fernanda Pereira da Costa

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gabriel de Araújo Cordeiro da Fonte

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gabriella da Verdade Lobo

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gunther Mafra Guimarães

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gustavo Cruz Ferraz

Docente na Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Igor de Abreu Portela Cunha

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Isabella Coutinho Gonzaga

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

João Victor Mothé

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Laina Rizzo da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Laura Maia Vieira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Laura Nobre de Azevedo Novaes

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Letícia Campanatti

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Stefany Lima

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Mariana de Castro Moreira

Docente na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Melissa Iara dos Santos Mollesena del Monaco

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Mickaela Faria

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Nathalia Meirelles dos Santos Soares

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Nicole Correa de Souza

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Paula Raíssa de Oliveira Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Raquel Donegá de Oliveira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Roberto de Oliveira Preu

Docente na Universidade Federal Fluminense em
Volta Redonda

Rodolfo Luís Leite Batista

Docente na Universidade Federal de Juiz de Fora

Rodrigo Lopes Miranda

Docente na Universidade Católica Dom Bosco

Talles Gomes dos Santos Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Thaís Arci Menezes Ferreira

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

Docente na Universidade Federal Fluminense em
Volta Redonda

Victoria Salgado de Aguiar

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Vitória Bom Gomes

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Yuri Pereira Antunes Vieira

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras